

DANOS À SAÚDE FÍSICA E MENTAL. PREJUÍZO IRRECUPERÁVEL*

Ivan Capelatto**

É um prazer e uma honra muito grande participar deste seminário. Já o fiz em Campinas, no TRT, em junho, e tenho a alegria de conviver com essa área jurídica, da qual participo há tanto tempo, tanto no TRT da 9ª Região como no TRT da 15ª Região e, agora, a convite do Ministro Lelio, aqui no TST.

Trabalho com crianças de risco desde 1972, e os senhores imaginam que tínhamos, à época, nos anos 70 e 80, informações muito pouco privilegiadas a respeito da questão do trabalho infantil. Atualmente, temos muitas informações, algumas delas vou passar para os senhores, mas provavelmente já tenham uma atualização melhor que a minha.

Minha preocupação é trazer aos senhores, hoje, uma questão não muito discutida, que é essa coisa paradoxal que acontece em relação ao trabalho infantil. Aqui eu gostaria de incluir como trabalho infantil a prostituição – hoje no Brasil e no mundo temos um número muito grande de meninos e meninas se prostituindo. Estive em uma cidade da orla do Nordeste, juntamente com procuradores do trabalho e algumas juízas da infância, e descobrimos meninas prostitutas de cinco, seis, sete anos. O mais incrível de tudo, com suas famílias assumindo o papel de condutoras dessa prostituição. Quando estivemos na casa de uma das meninas de seis anos, que estava muito doente – provavelmente com DST já em alto grau –, pedimos que a mãe acolhesse a menina, para que não a levássemos para o Conselho Tutelar, e a mãe nos disse: “Mas, doutor, nós vamos comer o que, se essa menina não for à rua?”.

Quero incluir a prostituição infantil e também o tráfico. Muitos meninos e meninas hoje são levados a ser “aviõezinhos” do tráfico. Até seis anos atrás,

* Este texto constitui transcrição de exposição oral.

** *Psicoterapeuta de crianças, adolescentes e famílias; mestre em Psicologia Clínica pela PUC-Campinas; supervisor e professor do Grupo de Estudos e Pesquisas em Psicopatologias da família, da infância e da adolescência, em Londrina, no Paraná; professor convidado do curso de Terapia Breve Familiar do The Milton H. Erickson Foundation Inc. (Phoenix, Arizona, e em Nova Iorque, USA); colaborador da Unesco com o Projeto de Vida; professor convidado do curso de especialização em Medicina da Família e da Comunidade da Faculdade de Medicina da Unicamp; professor convidado do curso de pós-graduação de pediatria da Faculdade de Medicina da PUCPR, em Curitiba.*

a idade deles era de quatorze, quinze, dezesseis anos. Hoje é de sete, oito, nove anos, e o número de meninos é igual ao de meninas. Então, quando falo em trabalho infantil, não falo só daquelas crianças que estão na usina ou lá na indústria, falo também das que estão se prostituindo e se ligando ao tráfico.

O trabalho é considerado, hoje, pelas psicologias, pela psicanálise, pela psiquiatria, como algo que se escolhe. Às vezes, a primeira escolha não é uma grande ou boa escolha, mas é uma primeira escolha. Todos que começam um trabalho têm um sonho, uma ideia de onde querem chegar, tanto do ponto de vista da autoestima como do ponto de vista econômico-financeiro. Só estamos prontos para escolher um trabalho – imaginando essa carreira, essa sequência e esse prazer –, quando temos um juízo crítico, razoável, que geralmente começamos a ter depois dos dezoito, vinte anos de idade, quando o temos. Antes disso, não há crítica para que possamos tirar prazer de um trabalho.

Convivo com meninos do tráfico. O grande prazer deles é estarem aliados ao patrão das drogas, ao traficante-mor. O prazer de entregar a droga é uma coisa muito complicada. Alguns deles têm síndrome do pânico, outros têm depressão, mas saber-se elogiado ou saber-se ligado ao traficante é o grande ponto.

As crianças prostitutas, quando questionadas a respeito do que sentem e a respeito do que fazem, não têm nenhum prazer, nem sexual nem corpóreo. Aliás, a maior parte delas têm uma anestesia, uma parestesia no aparelho genital – os meninos também. Alguns meninos de sete, oito, nove anos usam Viagra para poderem relacionar-se com adultos. Então, os senhores imaginem o que isso significa. Mas o prazer é ser procurado por aquele homem ou por aquela mulher de quarenta e cinco anos, cinquenta anos. Isso lhes dá uma sensação de poder. Então, não é o trabalho, não é o tráfico ou a prostituição que trazem o prazer, mas sim a ligação com o outro.

Segundo a Organização Internacional do Trabalho, o Unicef, a Unesco, que são órgãos com os quais divido minhas preocupações, existem algumas causas pontuais para que a criança entre em estado de risco e vá buscar esse trabalho infantil, seja em que área for. A pobreza, a extrema pobreza, que inclui a fome e a ausência de objetos. Entramos nas casas de alguns meninos que tiramos de uma plantação de cana e notamos que eles não tinham objetos em casa. Não havia objetos. Havia um colchão, que era repartido por três. Não havia caneca, panela, fogão.

É difícil o acesso cultural, econômico e geográfico à escola na orla do Nordeste. Não existe acesso, não existem escolas perto da orla, e as crianças não têm como ir, elas não vão. Não há incentivo, não há cultura suficiente na

família para isso e não há nenhum acesso, elas não têm como ir. No Estado do Amazonas, encontramos crianças que viajam oito horas para ir à escola e mais oito horas para voltar para casa, num barco. Os senhores imaginem a qualidade da saúde física e mental e a aprendizagem dessas crianças.

As falências nas relações parentais, que é onde quero colocar mais a minha fala: separações, gravidez precoce, ausência de uma ou das duas figuras parentais, a pouca autoestima. Quando não temos quem se interesse por nós, não construímos uma coisa complicada que se chama autoestima e sim a ausência do sentimento de pertinência, que significa pertencer a algo, pertencer a alguém, ou mesmo ser cuidado.

A figura do pai, que era aquela figura, antigamente, que trazia o filho para perto da marcenaria, para perto da oficina, para perto do balcão onde ele vendia algumas coisas. Era essa figura que dava a essa criança esta autoestima. O filho que trabalhava com o pai recebia, do pai, uma herança emocional muito forte, tanto que, na história do Brasil, na história da Itália, temos filhos que assumiram a padaria, assumiram a marcenaria, assumiram a oficina do pai, e com um prazer muito grande de fazer isso. Mas a figura paterna começou a se afastar do lar, a figura paterna saiu, foi trabalhar fora. Muitas crianças não sabem o que o pai faz, muitas crianças não têm noção do que o pai faz. Nessa sociedade pós-moderna, começamos, então, a não ter autoestima de maneira nenhuma. Não existe hoje uma condição muito forte que nos dê, por meio do trabalho, essa autoestima de que necessitamos. Isso pela ausência da figura paterna, que é uma figura muito importante.

Falando em desenvolvimento, os senhores vão imaginar que nós, os humanos, precisamos de duas figuras para que possamos ter um desenvolvimento saudável. Uma figura que é aquela figura linear, que aqui vou chamar de mãe. A mãe é aquela pessoa que deveria ser a mesma todo dia para o filho. A mãe é aquela que dá as mesmas ordens, briga do mesmo jeito, sofre do mesmo jeito, fala as mesmas coisas. Já viram? Essa é a mãe. A mãe é linear. E a figura paterna é a figura surpreendente. Então, vou colocar um exemplo bem pequeno aqui: imaginem um pai que mora junto com a família; a mãe está lá no quarto pedindo para a filha tirar o pijama para vestir o uniforme, e a filha está gritando, fazendo birra e tal... E o pai está na sala assistindo ao jornal da manhã e dá um grito assim: “O que está havendo aí?”. E as duas se olham, riem, e a menina tira o pijama. Não sei se alguém já viu essa cena. Esse é o papel da figura paterna, que pode ser exercido por uma mulher, mas esse é o papel da figura paterna.

O patrão da droga é o homem que vai buscar a menina em sua casa e a leva para um motel, com as bênçãos de todo mundo que ganha com isso, é ele

a figura surpreendente. De repente, no meio do motel, esse homem tira uma nota de cem dólares e dá para essa menina. Essa é a coisa surpreendente. Essa é a figura que começou a faltar.

Assim é a família: o triângulo familiar, com essa figura linear, com essa figura do mando, essa figura surpreendente. Não sei a idade dos senhores, mas provavelmente alguns dos senhores passaram por um pai surpreendente. Os senhores estão desobedecendo à sua mãe, e ela fala: “Esperem seu pai chegar”. Aí fica todo mundo com medo, o pai chega e, em vez de bater, ele chama o filho e fala: “O que está havendo com você?”. Esse é o pai surpreendente. Ontem, ele bateu; hoje ele mudou sua postura. E precisamos disso na nossa vida para a construção da autoestima.

Pai e mãe se transformaram em estranhos, em quase todas as classes hoje, e os senhores imaginem nas classes mais baixas, nas classes de baixa renda, nas classes miseráveis, isso se tornou uma coisa extremamente complicada.

Hoje convivo com crianças de condomínio fechado. Alguns deles já deixaram a escola, alguns deles já estão envolvidos com o tráfico e alguns deles são michês, são prostitutas, à noite, não tendo necessidade econômica para isso. Algumas meninas... Não sei se os senhores, como juízes, como promotores, advogados, já ouviram falar desses *body selfie*, que as meninas fazem com o corpo nu e enviam para o menino com quem estão ficando. Isso tem ido agora para a instância do Juizado da Infância e da Juventude, e os juízes estão se complicando com isso, porque é muito complicado. São menores. As meninas têm entre 9 e 11 anos. Estou atendendo a uma escola grande da cidade de São Paulo, onde quase todas as meninas têm feito isso e têm colocado um preço para que os meninos recebam seu *body selfie*. Isso é uma coisa muito séria, é uma necessidade muito complicada.

Temos hoje meninos de classe alta que trabalham como michês não pelo dinheiro, mas pelo poder que ele exerce sobre o outro. Esse mecanismo chama-se transferência, que é uma palavra que vem da doutrina psicanalítica e é um fenômeno que estamos vendo muito hoje: a falta de cuidado, a ausência da figura linear e a ausência da figura surpreendente. A ausência do cuidado tem trazido para nós, para nossas crianças, uma necessidade de fazer a transferência. Elas transferem para o aliciador do trabalho infantil, para aquele sujeito que chegou – o capataz de uma usina – e veio conversar com ela sobre ficar hospedada em um dormitório para ganhar uma comida e ter um trabalho. Essa figura manipuladora, sedutora, surpreendente, é uma figura que atrai essas crianças.

Particpei de algumas diligências da Procuradoria em algumas usinas. Estivemos em uma usina, em janeiro, de onde tiramos trinta meninos e os devolvemos às famílias. Em julho, fomos de novo a outra usina, quase cem quilômetros, longe, em Piracicaba, e encontramos os mesmos meninos. Os mesmos meninos estavam lá: “Oi, tio”. Um dos nossos procuradores estava armado, e um deles falou: “Tio, você veio com revólver hoje? Vai ter tiro aqui?”. É surpreendente isso, não é? Ter lá um sujeito de terno com um ponto 40 na cinta indo lá ajudá-los.

Essas crianças se envolvem de uma maneira fácil e se tornam cúmplices desse jogo que estamos discutindo aqui. Um jogo que se discute desde 1920, desde lá discutimos trabalho infantil. Começamos a compreender por que é difícil o nosso trabalho, porque ele tem de ser centrado, como os senhores estão vendo, na criança; e essa criança tem de estar ligada a alguém, à família, a um abrigo ou a alguma tutela, onde alguém possa fazer com que elas se sintam cuidadas.

Cada vez que convivo com essas crianças, sejam retiradas de trabalho, da prostituição ou do tráfico, elas ficam na expectativa de que outro vá assumir esse lugar de referência. Não sei se os senhores compreendem, um outro: o juiz, a conselheira tutelar, o procurador que estava lá armado com uma pistola ponto 40. Então, ele fica apaixonado por aquele sujeito, quer ir morar com ele, pergunta se ele vai vê-lo de novo. Não sei se os senhores já viram essa experiência. É uma coisa muito complicada.

Meu dia, às vezes, é muito triste, porque, como psicanalista, percebo esse algo mais que empurra essas crianças a serem manipuláveis, dedutíveis; às vezes sedutoras, elas vão aprendendo isso de uma maneira muito complicada. Eu queria comentar com os senhores uma das coisas mais importantes do desenvolvimento humano, que a gente chama de fase oral. A fase oral é a nossa fase que vai do nascimento até os dezoito meses. É a fase mais importante na nossa vida, por isso que, na Alemanha, hoje, temos uma licença maternidade de três anos. Quem já morou na Alemanha já deve ter ouvido falar disso. Na França, após a 2ª Guerra Mundial, devido ao grande número de crianças com autoestima baixa, esquizofrênicos, depressivos, suicidas, se instituiu um ano e sete meses de licença maternidade. E o governo envia para a casa dessas mães que entram no programa uma assistente social, uma psicóloga, uma pediatra, para ver se ela está lá.

O que tem de acontecer nesse primeiro ano de vida? Tem de acontecer uma coisa que se chama *sameness*, a mesmice. O cuidador – quem faz o papel materno – tem de ser linear, todo dia viver com a criança a mesma coisa, rotina, seja sábado, domingo... Dou aula em uma pós-graduação de pediatria e exagero

com meus alunos pediatras dizendo: “Vocês sabem que pediatra é médico de mãe”. Peça a eles que digam às mães para manter seus cabelos do mesmo jeito durante o primeiro ano de vida, não tinjam, não troquem de sexo, não troquem de casa, não pintem o quarto, não comprem um berço novo, se puderem manter tudo como está. Pode separar, porque, nessa época, o marido não serve muito para nada. Mas manter a mesmice, manter o *sameness*. O *sameness* vai fazer com que surja um sentimento em nós que se chama ambiência e que vai nos dar uma coisa chamada de pontos de fixação, que é a construção do sentimento de pertinência em nós.

Os senhores já devem ter visto criança de seis, sete anos, rica, mora em lugar bom, tem um quarto cheio de brinquedo e, sábado de manhã, ela não tem o que fazer, ela entra no quarto, olha para aquele mundo de brinquedos e fala assim: “Mãe”. Aí a mãe vai lá, e ela fala: “Do que eu brinco?”. Essa é a criança sem sentimento de pertinência, sem autoestima, que vai chorar para ir à escola, que, às vezes, a mãe, quando põe essa criança com três, dois anos na escola, tem de ficar muito tempo fazendo a adaptação dela, porque ela não consegue. Às vezes, troca de escola; às vezes, larga a escola. São essas as crianças dedutíveis, as que não têm o sentimento de pertencer a um lugar.

Os senhores veem hoje outro fenômeno, que é parecido com o fenômeno que vimos discutir aqui nesse seminário, que é o da pertinência maligna. Adolescentes, pré-adolescentes, como não têm um sentimento de pertinência em casa, na escola, às vezes, deixam a escola, começam a pertencer a um grupo *punk*. Se os senhores entrarem no Google e digitarem o nome desses *skinheads*, os senhores vão ver que, em Porto Alegre, há cento e quarenta e quatro grupos distintos de *skinheads*, e há uma ficha de inscrição. Quando você entra, você raspa a sua cabeça, faz a tatuagem que você vai escolher – geralmente uma suástica ou o rosto de Hitler – e passa por um processo, que vai ser avaliado pelo chefe, pelo patrão. O processo pode ser bater em alguém, machucar um *gay*, machucar um negro, machucar um nordestino, machucar um riquinho, machucar um *nerd*. Aí o patrão, o chefe da gangue, vem e coloca você como membro da equipe. Esse é um sentimento de pertinência, que devia estar sendo vivido em casa.

Conheço pessoas – e os senhores devem conhecer também – que põem a camisa do Corinthians o dia todo. Eles vão a um churrasco, camiseta do Corinthians; eles saem à rua com a camiseta do Corinthians, porque o único sentimento de pertinência que eles têm é essa bandeira de pertencer a Gaviões da Fiel ou a outra torcida organizada. Então, ele fala o dia todo nisso. Não sei se os senhores já ouviram. Ele fala o dia todo do Corinthians, têm coisas do

Corinthians, a caneca é do Corinthians. É o mesmo fenômeno. Significa que temos, hoje, uma falência de relação familiar muito grande.

Se os senhores quiserem saber um pouco mais sobre isso, a gente chama essas crianças de crianças *ruthless*. *Ruthless* significa aquele que não dá importância ao outro. Ele não se importa com o outro, ele está necessitado de receber. Existe um filme muito importante sobre o assunto, que se chama *Precisamos Falar sobre Kevin*. Não sei se alguém já assistiu. Aquele é um menino *ruthless*, que, desesperado pela atenção da figura linear, vai fazendo coisas que... Depois os senhores assistam e me contem.

A Mafalda, uma criação do Quino, meu amigo argentino querido, foi até o quarto da mãe e disse: “Tchau, mãe, vou brincar na casa do Felipe”. E a mãe da Mafalda diz: “Tchau, filha, tudo bem”. A Mafalda desce a escada do quarto, para, volta indignada e grita para a mãe: “E o não volte tarde, sua negligente?”. Ela pede à mãe que dê a ela uma referência.

Encerro minha fala contando aos senhores o que isso significa. Jacques Lacan, um psicanalista do século passado, de quem tive a honra de ficar perto, fazia seminários, e, em um de seus seminários, alguém lhe perguntou: “Qual a razão da vida humana? Qual é a referência? Qual é a coisa mais importante para um ser humano? Qual é o desejo fundamental do ser humano?”. Lacan respondeu o seguinte: “O desejo fundamental do ser humano é o desejo de ser desejado; de ter no seu imaginário a ideia de que alguém se importa com ele”.

Os senhores já devem ter tido algum filho doente em casa, com pneumonia dupla e que foi para cama, proibido de levantar, feliz. E esta mãe, linear, a cada dez minutos, vai à cama do filho pôr a mão na testa dele. Conheço uns que esfregam a testa, quando escutam os passos da mãe, para ela imaginar que ele está com febre, daí, pegar o termômetro e colocar nele; ela cuida dele. Quando ele começa a sarar, que ele tem de ser cuidadoso, daqui a pouco, a mãe escuta a porta da geladeira aberta e ele lá dentro procurando algo na geladeira. Os senhores já viram isso? Esse é o desejo de ser cuidado. A nossa necessidade de pertencermos.

A necessidade da referência afetiva é fundamental para nós. Quando esta referência afetiva é escassa ou não existe, adoecemos, entramos em depressão, adquirimos psicopatias, começamos a ter transtornos do pânico, não conseguimos ficar mais perto de muita gente, a ver passar entulho, a escutar chuva e que alguma coisa está errada. Algo está acontecendo. Quando sentimos o desejo do outro. O que é o desejo do outro? É quando aquela esposa vai com o marido ao cardiologista, que diz o seguinte ao marido: o senhor está com ateroma, com

placas e não pode beber nem comer carne gorda. A esposa está junto. Esse homem começa a seguir o regime do cardiologista, com a supervisão dela, que o ama, por isso cuida; se não o amasse seria indiferente. Ela percebe que ele está bem e começa a parar de cuidar. Daqui a pouco, ela vai abrir o cestinho de lixo, que tem na pia da casa de todo mundo, há um invólucro de um salame italiano lá. A esposa vai e briga com o marido que fica feliz, porque ela voltou a desejá-lo, a cuidar dele. Já viram isso? Compreendem o que falo?

Quem se sente desejado produz autoestima. As nossas crianças não têm autoestima, elas a buscam nesses aliciantes e aliciadores. Quem se sente cuidado, produz autocrítica, começa a fazer crítica sobre sua conduta, a se conduzir e a decidir o que quer. Há muita criança pobre, miserável, que está na escola estudando, alguns vão para faculdade, para universidade, tornam-se pessoas maravilhosas, como os senhores devem conhecer. Quem tem autoestima e autocrítica começa a ter autonomia e a se cuidar. Quem tem autonomia começa a saber os próprios limites, e, quem tem os próprios limites, se cuida.

Não sei se consegui passar aos senhores o que vim fazer aqui. Vim aqui dizer que há um além da Justiça, além do certo, além do justo, isso tudo que estamos estudando. Eu gostaria muito que os senhores pensassem nisso. Temos de voltar a cuidar das famílias, das grávidas, de quem está pensando em ser pai e ser mãe e de se preocupar com o resgate dessas crianças com suas famílias. Muito obrigado.